

## MENTE SÃ EM CORPO SÃ: PARADOXOS DA PÓS-MODERNIDADE

BORGES, Leonardo Daniel Rodrigues<sup>1</sup>

LIMA, Matheus Gonzallez de Souza<sup>2</sup>

SILVA, Thaís Ferreira<sup>3</sup>

SOUZA, Gabriel Batista<sup>4</sup>

PIRES, Rodrigo Duarte<sup>5</sup>

FERREIRA, Arita Montanini<sup>6</sup>

### RESUMO

Este trabalho é fruto de uma reflexão histórica sobre o campo da Filosofia e Educação Física, no qual o conceito cunhado desde a antiguidade de que se há: “uma mente sã em um corpo são”, não resistiu a uma análise de fundo acadêmica e pós-moderna, já que apesar das inegáveis relações entre corpo são e mente sã, a relação debate ao corpo poder estar são, mas a mente não, e vice-versa. Com isso, fica claro que no âmbito da Educação Física o profissional deve rever seus próprios paradigmas e romper com dogmas internos de que toda prática corporal é de fato promotora de saúde integral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física; Filosofia; Pós-Modernidade.

### ABSTRACT

This work is the fruit of a historical reflection on the field of Philosophy and Physical Education, in which the concept coined from the antiquity of which there is: "a sound mind in a body are", did not withstand a fundamental analysis, more academic, and postmodern, since despite the undeniable relations between body and sound mind, the relationship does not withstand a deep reflection, for the body can be sane, but the mind can't, and vice versa. With this, it is clear that in the field of Physical Education the professional must review their own paradigms and break with internal dogmas that all physical practice and sports are indeed health promoters.

**KEYWORDS:** Physical Education; Philosophy; Post-Modernity

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 2º Período do curso de Licenciatura em Educação Física/FacMais Inhumas.

<sup>2</sup> Acadêmico do 2º Período do curso de Licenciatura em Educação Física/FacMais Inhumas.

<sup>3</sup> Acadêmica do 2º Período do curso de Licenciatura em Educação Física/FacMais Inhumas.

<sup>4</sup> Acadêmico do 3º Período do curso de Licenciatura em Educação Física/FacMais Inhumas.

<sup>5</sup> Acadêmico do 2º Período do curso de Licenciatura em Educação Física/FacMais Inhumas.

<sup>6</sup> Orientadora e coordenadora do curso de Educação Física/FacMais Inhumas.

## INTRODUÇÃO

Não é muito comum o pensamento de Adriana Prado, ao afirmar que “Não são as crises que mudam o mundo, e sim a nossa reação a elas.” (PRADO, 2004).

O medo e a morte são temas caros à Filosofia e, desta forma, fica patente que estes dois termos se fundem em um só, em um modo único de um só corpo, o medo da morte. Tal como observou e foi o cerne da Filosofia Kantiana, reafirmada no texto de Guerreiro (2014), o corpo como espaço político e poético é o ponto central, para tanto nos valem inicialmente do livro: *Educação Física e Filosofia: a relação necessária*, cuja autoria é de Barbosa (2005), e esta obra em questão, faz jus a um diálogo profundo entre os campos da Filosofia e da Educação Física, passando por uma senda epistemológica na qual: “*atletas podem ser filósofos e filósofos atletas*”. E este parece ser um oxímoro poderoso.

E assim, desta forma, temos o pensamento vicário e paradoxal, por ser inicial, de que a antiga forma de pensar e de viver o corpo e a cultura corporal contida no lema cada vez mais inaudito que *‘há uma mente sã em um corpo sã’* nos leva a pensar e, a realizar, uma discussão profunda sobre estes paradigmas e a refletir, de forma academicamente, sobre as especificidades da mente e do corpo dentro dos conceitos filosóficos e corporais da corporeidade.

O diálogo em questão é profícuo e profundo, porque as reverências arquetípicas estão dentro do próprio corpo como imagem e luta. Trata-se de uma luta que estuda com bases marxistas, e suas releituras, focando o processo histórico das lutas – cuja tensão está no discurso e no poder. Não vindas de um simulacro da realidade, mas sim um desconhecer sobre outras ideologias, quando na verdade, de forma temática, o autor Barbosa (2005) traça um paralelo entre diversas vozes e pontos de vistas sem temer o anacronismo e sem ficar preso num enfoque anacrônico, como poderá relatar a seguinte fala do próprio autor: “como já assinalamos anteriormente, ao pretendemos buscar as bases para a reflexão filosófica, não podemos concentrar toda atenção apenas no isolamento de um aspecto da questão de nosso interesse” (BARBOSA, 2005, p. 27). Isto nos mostra que esta obra faz um panorama de reflexões que vão desde estudos da filosofia clássica grega e ocidental até releituras epistemológicas feitas por Michel Foucault.

Filosofias estas que tratam desta relação histórica entre corpo e mente, cabe ao homem contemporâneo buscar o equilíbrio sobre todas estas questões, sobre as repercussões psicossomáticas, sobre as formas de usos cognitivos.

Do mesmo modo, Barbosa (2005) vê o corpo como algo em que tem uma marca social, um estigma, uma cicatriz, tal como observou o filósofo Michael Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (2000). Neste contexto e de forma contraditória, o corpo precisa ser treinado para ser capaz de ser punido, caso não trabalhe, não produzirá dentro de uma ótica capitalista; assim, como fora o papel da Educação Física durante décadas para suas gerações, ou seja, apenas uma disciplina simplesmente para disciplinar, tal qual é abordado dentro do contexto militar.

É por esse viés que Foucault se apropria de Nietzsche para afirmar que: o conhecimento foi, portanto, inventado. Não é algo natural e nem espontâneo (FOUCAULT, 2013). Desse modo, dizer que o conhecimento é inventado é dizer também que a arte também foi. Portanto, é dizer que o conhecimento sobre o corpo é ideológico e não tem origem. É dizer, de maneira mais direta que precisa, por mais paradoxal que seja, de que aja uma conscientização corporal.

## DESENVOLVIMENTO

Demorou muito tempo para que a Educação Física pudesse ser palco central de sua própria reflexão, já que se criou uma celeuma entre teoria e prática, penso assim como o autor que *“ao decidir fazer algo, todo ser humano procura levar em conta seus interesses. E o interesse torna-se o objetivo que a decisão poderá alcançar”* (BARBOSA, 2005, p. 75).

Desta forma, e por esse viés, um arquétipo foi sendo criado ao lado de um fantoche, de uma pessoa alienada e aculturada e, surge então, a figura estereotipada de homem que tem músculos, mas sabedoria não tem nada, esta visão não se aplica de forma generalizada, pois se sabe que os fisiculturistas, são também, a sua maneira, intelectuais que unem o treino à suas evoluções científicas, bem como, à sua alimentação.

Há um forte diálogo no livro de Barbosa *Educação Física e Filosofia: a relação necessária* (2005), mostrando que tanto a Educação Física, como a Filosofia tem uma relação vicária que em seus discursos priorizam o ser, bem como observou Deleuze (2002, p. 24) ao indicar que *“um Deus é só corpo sujeito à especulação.”*

Pensar a Educação física sem um suporte teórico e filosófico é ‘malhar’ o corpo sem sanar a alma. É partir de uma posição que cega o ponto de vista. Assim,

fica claro o que é preciso, o que é necessário, outra via que dê acesso ao mundo onírico do qual nós também partiremos. Pois, na grande aventura que é o viver, já que o viver é sempre melhor do que o existir, voamos sem medos. Tal o ensaio: “*O demônio da teoria*” (COMPAGNON, 2003) em que para existir basta apenas estar. E só é pleno aquele que vive a dianóia de um pensamento que brilha no/para fazer poético de onde o universo não é uma confissão, e sim uma clareza de pensamento, assim como Marx (1818-1883) tentou fazer.

Com isso, nos baseamos na reflexão dialética sobre o corpo num contexto marxista operando para um sentimento mais incomum provocado pelo autoconhecimento e pelas repercussões psicossomáticas, tendo assim o corpo como signos e hipóteses de um avanço psicomotor e holístico. Por isso unimos ao pensamento marxista a releitura pós-moderna, diante então do ser e do sonho. A reflexão íntima dos conceitos aqui apresentados e a confrontação lógica sobre eles, para nosso método de trabalho.

Este é um artigo teórico, mas que não evita as relações existenciais primárias nas quais a Educação Física é palco de conflito e poder, como podemos ver no artigo de Paula Rondinelli:

Você sabe o que é Educação Física? O termo Educação Física remete à ideia de educar o físico. Mas o que isso significa? Fortalecer a musculatura? Praticar esportes? Adquirir postura? Bem, a Educação Física nasceu como uma disciplina cujo objetivo era disciplinar os indivíduos a partir dos seus corpos. Ou seja: a Educação Física está historicamente atrelada a um método de dominação do indivíduo (RONDINELLI, 2011).

De certa forma, materiais e métodos deste artigo são provocados e sustentados pela análise de discurso francesa e aplicada à Educação Física.

O que nos força a pensar é o signo. O signo é objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 1987, p. 96).

Neste contexto, o pensamento político e filosófico de Karl Marx vem à tona, resignificado e melhor compreendido, pois o corpo e o movimento podem de fato serem suplantados em nome do trabalho.

Podemos a partir disto pensar o que há de comum entre a Educação Física e a iniciação filosófica e, o que as fazem apresentar nas suas mensagens algo a mais

do que ocorre no jargão cientificista, provedor de uma política desumana e neoliberalista, visando somente o lucro e o enriquecimento. Vamos, portanto, observar isso com o dizer de Barbosa (2005), que traz uma alternativa contra a alienação e o isolamento:

Sendo assim, elaboramos este texto com o intuito de que possa ser usado como instrumento de reflexão para uma discussão envolvendo coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais e professores de Educação Física. Essa discussão pode resultar na elaboração conjunta de propostas curriculares, que tenham como resultado final a ampliação do conhecimento crítico dos alunos sobre o mundo do trabalho, ajudando-os a desvendarem o funcionamento da sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que questionam e reelaboram os valores desta mesma sociedade (BARBOSA, 2005, p. 58).

Não estamos aqui para defender ideologias e nem partidos políticos, bem como está em discussão no congresso “a escola sem partido”, ou seja, uma mordação alienante cada vez pior, na qual o alunado é uma vítima e algoz de si mesmo por ser tratado como ‘massa de manobra’. E é claro que as várias variáveis das várias elites brasileiras, vibram em uma frequência cívica e num nível de ser muito baixos mostrando cada vez mais a loucura que é viver em um Brasil tão desigual.

Com base nisso tudo, podemos afirmar que a Educação Física passa a ser filosófica quando professores, aluno(a)s e comunidade compreendem o que é a corporeidade e foca a vida como a um fenômeno abstrato, por ser anímico, onde a pessoa passa a ser o ‘vir-a-ser’ de uma força idiossincrática e pré-socrática, onde o certo e o errado podem ser seus objetos de análise e indiferença. Como bem observou Barbosa (2005) ao dizer que “a Educação Física é uma disciplina, que trata, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal.” (BARBOSA, 2005, p. 101).

E, desta forma, não há um corpo a ser treinado, e não há uma inexorabilidade da mente em seu psiquismo; há um movimento complexo, de onde surge um arquétipo capaz de sondar os ditames do pensamento e dono de um princípio não ordinário e reflexivo de um movimento e suas repercussões psicossomáticas e inventivas.

Sendo assim, a definição de Educação Física como cultura corporal tem muito a dizer e muito a ensinar. Posto isto, porque todo ensino se vale por ter especificidades e o que podemos chamar de “carismas” próprios, entende-se por

cultura às realizações humanas, principalmente vindas da arte, da mística, da filosofia e ciências. Um escopo de determinantes escolhas, de uma vida que tem uma fascinação pela forma física e sua razão áurea, sua beleza, mas feito isso fica um vazio se essa cultura corporal não for também uma cultura da mente. Pois não adianta tentar ter um corpo perfeito, feito apenas pela dor dos exercícios, do mesmo modo nessa relação necessária e vicária não podemos ter um cidadão sedentário e protegido pela inteligência.

Assim, concluímos que “*Mens sana in corpore sano*” (“mente sã num corpo sã”) não vale mais para nós nos dias atuais. O debate ficou cada vez mais complexo. O debate evoluiu para uma forma anacrônica na qual não podemos ser reducionistas. É exatamente isso que Barbosa (2005) define ao final do livro quando ele provoca o leitor “*a Educação Física cuida do corpo?*” (BARBOSA, 2005, p. 129) A pergunta é complexa e libertária, pois há uma variação e diversidade presentes em quase tudo que é a forma do jeito que é (gordo, magro, preto, branco, etc.) e que é o ser (livre, inefável, transcendental).

Podemos e até devemos ter um corpo bonito, seja feito por esteroides anabolizantes ou próteses de silicone, mas com consciência corporal que de fato traga saúde e harmonia explicitada desde os pormenores das atividades físicas do dia-a-dia até fatores determinantes de um mundo macrocósmico, como visto em atletas e fisiculturistas. Além do mais, não nos cabe aqui julgar sentidos de valor, de forma preconceituosa, mas sim, e apenas levantar o sentido estético com o autoconhecimento, pois sem isso somos um analfabeto corporal, vítimas das circunstâncias que ele mesmo causou.

Assim, perguntamos ‘a vida que é formada, forma-se por si mesma ou por outros fatores que por aí estão?’ E estão não desde o agora, mas sim naquilo que pode ser chamado de instante poético, a corporeidade. Com isso, podemos marcar a trajetória por ser feita pelo caminhar, pelas jornadas e pelas travessias que não param de criar semânticos olhares ao explorarem diversos sentidos! Da mesma forma, entre esses sentidos, sentidos pelo corpo, em que essa dimensão é uma direção existencial acontece quando as essências se encontram com a vida, tal qual encontramos na obra *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, que afirma que: “VIVER É MUITO PERIGOSO; E NÃO É NÃO” (ROSA, 2006, p. 312).

## CONCLUSÃO

A partir do estudo e leitura apresentados faz-se com que às vezes seja muito difícil de compreender as relações entre a Filosofia e seu *corpus* e a Filosofia e sua tradição.

O que é afinal ter uma mente sã e um corpo são? Sobretudo, no século XXI, já que é possível ter um corpo são e estar doente mentalmente, ou então o inverso? Dizemos isso porque não deve haver um cânone e muito menos uma hierarquia, na qual vem de longe o que seria a predominância intelectual entre a Filosofia sobre a Educação Física. Isso chega a ser ridículo e de uma total desfaçatez tremenda, pois não estão concorrendo a um pódio, mas sim de um tratamento dialógico profundo e mútuo, onde o movimento é anímico e é fisicamente motor.

O estudo em meio a Educação Física escolar vem crescendo dia após dia, para que, trabalhadores da área da Educação Física escolar, em sua prática pedagógica procurem caminhos que os conduza a possibilidades de melhor compreensão e mudanças significativas em sua prática. Com literaturas, trazendo novos estudos em torno de saúde e bem-estar, faz com que este profissional, um professor de Educação Física, possa transformar a sua ação pedagógica na busca pela valorização do ser, bem como conscientizar sobre a necessidade de acrescentar à sua formação, disciplinas de conhecimento pedagógico-filosófico.

É plausível afirmar e concluir que a sabedoria filosófica não está apenas em conservar e utilizar o que nos foi deixado, está na transformação da realidade através do desenvolvimento da razão e da emoção formadora da condição humana. Sendo assim, deve-se considerar que precisamos evoluir de forma mais conjunta, sendo capazes de formar mentes críticas e conscientes para refletir e ressaltar que a experiência humana dentro da cultura corporal, dentro ou fora da escola serve para que possamos melhorar e desenvolver da forma mais profunda e reflexível possível a área da Educação Física, com comprometimento e dedicação para trazer as mudanças necessárias, sendo uma relação necessária entre o ser e o homem. Agora, o desafio está no diálogo e sua hermenêutica, exegese tal que combata a tautologia, o anacronismo e a alienação.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. **Educação Física e Filosofia**: a relação necessária. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 8. Ed. Atual. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p. 96.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 4: ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: Nascimento da Prisão. Trad. Raquel Ramallete. 23a, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GUERREIRO, Emanuel. A Ideia de morte: do medo à libertação. **Diacrítica**, Braga, v. 28, n. 2, p. 169-197, 2014.

PRADO, Adriana. Sociólogo polonês cria tese para justificar atual paranoia contra a violência e a instabilidade dos relacionamentos amorosos. **Isto É**, n. 2571, maio, 2004. Disponível em: <[https://istoe.com.br/102755\\_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/  
>](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/). Acesso em: 07 abr. 2019.

RONDINELLI, Paula. O que é Educação Física? **Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/o-que-educacao-fisica.htm>>. Acesso em 07 abr. 2019.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 312.